

Setor de biocombustíveis investe R\$42 bi com impulso da transição energética

Cenários Protagonista do movimento é o etanol de milho, com aportes de R\$ 15,8 bilhões em curso

Biocombustíveis têm investimentos de R\$ 42 bi

Camila Souza Ramos e Cibelle Bouças
De São Paulo e Belo Horizonte

O setor de biocombustíveis está fazendo investimentos bilionários em 2024 no Brasil, estimados pela aponta na necessária transição energética. Neste ano, as empresas já anunciaram e mantêm em curso aportes de pelo menos R\$ 42 bilhões, segundo levantamentos realizados por diferentes agentes do setor a pedido do Valor.

Esses investimentos consideram apenas o capital comprometido em infraestrutura industrial, isto é, não incluem aportes na área agrícola.

O protagonista do movimento é o etanol de milho. Segundo levantamento da União Nacional do Etanol de Milho (Unem), há investimentos de R\$ 15,8 bilhões em curso, em fase avançada de construção de unidades e outros em fase de licenciamento e início de obra. Os projetos estão espalhados por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Bahia, Tocantins, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul, e devem ser concluídos até 2026.

Também há aportes em ampliações de fábricas existentes e em novas indústrias de biodiesel, biometano, etanol celulósico e açúcar. "O setor de bioenergia está de olho nas possibilidades de transição energética que contemplam diversas rotas de produção", afirma Guilherme Nolasco, presidente da Unem.

Para ele, o projeto de lei Combustível do Futuro, que tramita no Senado e prevê aumentos de mistura de biodiesel e etanol, além de mandatos para biometano e bio-

querose de aviação (SAF), indica ao setor privado que os biocombustíveis são prioridade do país na transição energética.

No caso do biodiesel, os aportes na expansão e construção de novas unidades neste ano foram estimados em R\$ 6 bilhões pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), segundo projeção do fim do ano passado.

Em etanol de segunda geração (E2G) e em biogás, os investimentos em curso somam R\$ 3 bilhões. Além disso, as empresas do setor de cana também estão aumentando suas apostas na produção de açúcar, tanto com projetos de melhorias das unidades como na instalação de novas fábricas, totalizando investimentos de R\$ 4,2 bilhões, segundo cálculos da FGA, de Ribeirão Preto.

O valor não inclui os aportes nas lavouras para renovar os canaviais e as frotas, que têm o maior peso e são na casa das dezenas de bilhões de reais, segundo a FGA.

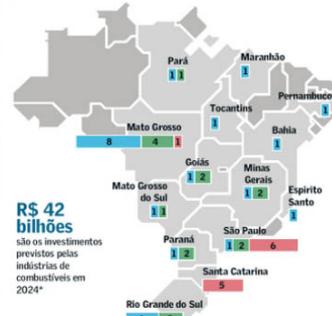
Em parte, a expansão da indústria de etanol de milho é reflexo da estratégia das usinas de cana de priorizar a produção de açúcar nos últimos anos, uma vez que a commodity está remunerando mais que o etanol. Isso abriu espaço para que a indústria de milho garantisse a oferta de etanol ao mercado, diz Juliano Merlotto, sócio da FGA.

Muitos dos investimentos em processamento de milho para produção do biocombustível são feitos por usinas de cana querendo diversificar a produção. É o caso da CerradinhoBio, que primeiro investiu em uma linha anexa à sua usina de cana com processamento de milho em Chapadão do Céu

Mais biocombustíveis

Número de projetos de novas usinas

Etanol Biodiesel Biometano



R\$ 42 bilhões são os investimentos previstos pelas indústrias de combustíveis em 2024*

Combustível do Futuro

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, disse a parlamentares da Frente Parlamentar Mista do Biodiesel (FPBio) e a representantes do setor de biocombustíveis que o projeto de lei do Combustível do Futuro deverá ser votado pelos senadores nas próximas semanas. Pacheco afirmou que ligou para o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PE), relator da matéria na Casa, e que faria contato com o

presidente da Comissão de Serviços de Infraestrutura, Confúcio Moura (MDB-RO), para que o projeto seja pautado na próxima semana. Se aprovada, há chances de a proposta ser votada no plenário na semana seguinte. O relato foi feito ao presidente da FPBio, deputado Alceu Moreira (MDB-RS), e ao relator da proposta na Câmara, Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), (Rafael Walendorf, de Brasília)

(GO), e agora em uma usina só de milho em Maracaju (MS).

Outra alavanca dessa indústria é o fato de o milho ser plantado todo ano, enquanto a expansão do etanol de cana demanda investimento nas lavouras, bem mais custoso, observa Nolasco, da Unem.

Já os aportes em biodiesel ocorrem a despeito da capacidade ociosa de 42% das indústrias em operação. De acordo com dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), há no país 59 unidades industriais instaladas. Há dez em ampliação e oito em construção.

"Não temos necessidade de aumento de capacidade. Os investimentos hoje estão baseados numa expectativa de antecipação do aumento da mistura e da maior adoção do B100 [biodiesel puro] em frota cativa, como da Amaggi e da JBS", diz Julio Minelli, diretor da Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (Aprobio).

Em novembro de 2023, executivos de traders como Cargill, Bunge, ADM, Cofco, Amaggi e Louis Dreyfus (LDC) anunciaram que investirão US\$ 10 bilhões nos próximos anos no país. Os recursos serão destinados ao esmagamento de soja e à produção de biocombustíveis.

Fora da lista da ANP está o projeto do Grupo Potencial, de R\$ 1,7 bilhão em uma nova usina em Lapa (PR), com capacidade de 900 milhões de litros de biodiesel por ano e previsão de início em 2026.

Já o setor de cana praticamente não está investindo em aumento de capacidade de etanol de primeira geração (feito da planta). Uma das poucas empre-

sas a anunciar investimento em capacidade de moagem da matéria-prima foi a CMAA. Em abril, a companhia informou que investirá R\$ 3,5 bilhões para elevar sua capacidade industrial de 10 milhões para 18 milhões de toneladas até 2033.

Na última quarta-feira, foi a vez de a BP Bunge anunciar um aporte de R\$ 530 milhões para ampliar a capacidade de moagem de cana e de produção de etanol em sua unidade de Pedro Afonso, em Tocantins.

Os aportes no setor de cana estão concentrados no etanol de segunda geração, feito de bagaço e palha, e são liderados apenas pela Raizen. A empresa tem quatro plantas de E2G em construção e três em fase de projeto.

Outra vertente de investimentos do segmento é em biogás e biometano. A Associação Brasileira de Biogás (Abiogás) diz que suas associadas anunciaram ampliação da capacidade em 7 milhões de metros cúbicos de biometano ao dia até 2029, o que exigirá investimentos de R\$ 7 bilhões.

Atualmente, o setor tem autorização da agência reguladora para a venda de 417 mil metros cúbicos por dia e aguarda o aval para mais 1,6 milhão de metros cúbicos diários de capacidade.

"Os grandes investidores não olham mais para energia elétrica porque não está pagando adequadamente. A tendência é dos projetos de menor porte serem de biogás [para geração de energia] e os maiores para biometano [como combustível veicular]", afirma Renata Ifer, presidente da Abiogás.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Agronegócio Caderno: B Pagina: 8